



»Entrevista | NATANRY OSÓRIO (PSDB) | CANDIDATA A DEPUTADA DISTRITAL

Ao Podcast do **Correio**, a ex-administradora do Lago Sul falou sobre suas propostas voltadas à educação, como a ampliação, em todas as Regiões Administrativas, da escola-classe para a escola-parque em período integral

“Escola, família e comunidade”

» MANUELA SÁ*

A candidata a deputada distrital Natanry Osório (PSDB), 87 anos, apontou ontem, em entrevista ao Podcast do **Correio**, a ampliação da educação em tempo integral como uma de suas prioridades. Ela defendeu

a complementaridade entre as escolas-classe e escolas-parque para dar tranquilidade às mães enquanto elas trabalham. Aos jornalistas Roberto Fonseca e Raphaela Peixoto, a ex-administradora do Lago Sul também falou sobre sua trajetória na cidade e defendeu a conservação da capital.

A senhora trabalhou como administradora do Lago Sul durante quatro anos, entre 2003 e 2007. Como foi a experiência?
Uma das primeiras coisas que eu fiz foi acabar com a poluição visual. O Lago Sul é um bairro de baixa densidade e de grande qualidade de vida. É para ele ser referência para o mundo. Acabei com as faixas e com as publicidades.

O que pretende apresentar para a população?
O discurso do deputado por Brasília tem que ser o de defesa da capital, a preservação de seu tombamento. Estou na última década da minha vida. Sempre cuidei de Brasília. O Lago Sul é a única cidade

do mundo que tem nove unidades de conservação com Cerrado original inserido em área urbana. Essas nove unidades deságuam e cooeram para a sustentabilidade do Lago Paranoá. Pensei que é hora de eu viver essa experiência, porque, para mim, idade não é limite.

A senhora é professora. Quais são as suas propostas para a educação?
Entre as minhas prioridades está a educação com ensino integral. Alfabetizei a primeira turma da Escola Classe 308, que é conjugada com o ensino integral. Eu pude ver o quanto é importante você ter a criança com o segundo período, ou seja, ocupada, descobrindo

Marcelo Ferreira/CB/D.A Press



Aponte a câmera do celular para assistir à entrevista

o seu talento. Em 1963, eu era voluntária de Carmela Salgado, que fundou a Casa do Candango

voluntárias distribuíam sopão aos candangos. Nessa entrega para as mães que vinham com seus bebês, as mães falavam que também tinham filhos de 6, 7, 8 anos que vinham para o Plano Piloto trabalhar. A rua é sedutora. Eles não voltavam para casa. Elas queriam um espaço na Casa do Candango

para os filhos mais velhos serem acolhidos. Carmela falou que lá não tinha lugar, mas que iria construir uma sede especialmente para esse grupo, onde teria uma educação pelo trabalho, porque na época não existia o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Assim foi feita a Ação Social do

Planalto. Quando reassumi a organização, cheguei à conclusão de que o trabalho social não pode ser feito onde é mais cômodo para você. Fui na ficha e vi quantos alunos tinham de cada região. A maioria era de São Sebastião. Então, transferimos o nosso atendimento. Nosso tripé é escola, família e comunidade.

Como a senhora avalia a questão da mulher no DF?
Como temos uma obra social que recebe crianças em situação de vulnerabilidade, percebemos a importância do contraturno. Por esse motivo, temos a exigência de trabalhar para que todas as Regiões Administrativas tenham o complemento da escola-classe para a escola-parque. Assim, as mães podem trabalhar com tranquilidade. Com essa clientela de vulnerabilidade, encontramos muitas mães viciadas em álcool. Então, uma das minhas responsabilidades será trabalhar para realmente acolher também as pessoas em situação de rua.

***Estagiária sob supervisão de Eduardo Pinho**

»Entrevista | COSTA NETO | CANDIDATO A DEPUTADO FEDERAL

“Defendo o serviço público de qualidade”

» MILA FERREIRA

Candidato a deputado federal pela primeira vez, Costa Neto (MDB) participou do Podcast do **Correio** e defendeu os direitos dos servidores públicos do Judiciário, categoria que representa como presidente do Sindicato dos Servidores do Poder Judiciário e Ministério Público da União no DF; das Justiças Federal e Eleitoral do Acre, Rondônia e Roraima e do Judiciário Federal do Tocantins (Sindjus). Além do fortalecimento do serviço público, Costa Neto propõe políticas públicas para idosos, pais e mães atípicas, direitos dos animais, entre outros.

Conte um pouco da sua trajetória.
Cursei agronomia, cursei enfermagem, depois medicina e, em 1993, minha esposa veio para Brasília fazer direito aqui e me inscreveu num

curso de Direito. Eu vim fazer esse curso, passei e aí deixei o Piauí com o objetivo de crescer na vida, de constituir família. Morei no Guarã, em Taguatinga e no Sudoeste.

Fiquei durante 11 anos na quinta Vara Federal e, posteriormente, assumi o cargo de analista no TRF. Fui chefe de cartório da 15ª, da 19ª Zona Eleitoral e fundei a 19ª Zona Eleitoral. Depois, fui para a corregedoria do TRE e, nesse meio tempo, fui eleito presidente do Sindjus, pelo primeiro mandato, em 2015.

O que o senhor conquistou de avanços para a categoria à frente do sindicato?
Quando assumimos, nossa carreira estava havia cerca de 10 anos sem reajuste salarial. Algo inacreditável.

CARLOS VIEIRA CB/DA PRESS



De lá para cá, a gente conseguiu alguns reajustes importantes. Fizemos uma grande greve em 2015, que durou cerca de 166 dias. Conseguimos aprovar um reajuste de 56%, mas foi vetado. E aí nós trabalhamos para derrubar esse veto. Por seis votos, a gente não conseguiu derrubá-lo. Em 2016, conseguimos um reajuste salarial de 41%. Conseguimos outros reajustes também. A gente

conseguiu quase dobrar o salário dos servidores, mas tivemos perdas devido à inflação.

Por que resolveu se candidatar?
Há uma visão, hoje, de que tanto o serviço público como os servidores não têm representação no Congresso Nacional. Não há uma defesa do serviço público veemente, que realmente

esteja preocupado com o serviço de qualidade para a população. Nossa frente parlamentar identificou isso e iniciou uma campanha de voto consciente para incentivar a busca de alternativas de colegas do serviço público que realmente assumam esse compromisso: de defender o serviço público como uma defesa da sociedade, como uma defesa de que realmente a gente leve para ponta os serviços mais necessários à população e que esses serviços sejam de qualidade. Foi baseado nisso, e também na minha própria experiência, observando a via-crúcis que é o dia a dia no Congresso Nacional. A gente aprendeu a trabalhar lá dentro, porque eu estou lá desde que assumi, em 2015, fazendo esse trabalho. A gente já conhece os meandros do Congresso Nacional, tanto na Câmara quanto no Senado, no sentido de trabalhar para alcançar os objetivos, as metas e os projetos que são colocados lá.

»Entrevista | MÚCIO BOTELHO (PSB) | CANDIDATO A DEPUTADO DISTRITAL

“Não sou candidato de uma pauta só”

» LUIZ FELLIPE ALVES

Em mais uma rodada do Podcast do **Correio** com os candidatos a deputado distrital, o programa de ontem recebeu Múcio Botelho (PSB). Na entrevista, o advogado e músico destacou as propostas que pretende levar à Câmara Legislativa (CLDF), caso seja eleito. Aos jornalistas Mila Ferreira e Roberto Fonseca, ele comentou sobre a reta final da campanha antes das eleições, em 4 de outubro.

O que o motivou a se candidatar a deputado distrital?
Eu já estive lá dentro, trabalhei com o João Campos, na Câmara Federal. Eu entrei de um modo diferente. Geralmente, quando um deputado é eleito, ele leva os amigos, pessoas indicadas e parceiros. O João fez uma espécie de concurso público para selecionar a equipe dele e eu fui um dos escolhidos. Quando eu entrei, vi um menino

(João Campos), mais novo do que eu, fazendo a diferença. Eu parei e pensei: “Se lá dentro desse ninho de terror que é a Câmara dos Deputados conseguem fazer isso, porque a gente não consegue fazer a mesma coisa em Brasília?”

Uma das características da Câmara Legislativa é que o deputado chega com a bagagem de uma categoria profissional.

Se o Múcio entrar, ele vai chegar representando qual categoria?
Eu acho engraçado isso de ser o candidato de uma pauta. As pessoas falam que “se você não for o candidato de uma pauta, as pessoas não vão te identificar”. Graças a Deus eu não fiz isso. Em 2022, na minha primeira candidatura, falavam que eu deveria ser o candidato da cultura. Nenhum grupo organizado da cultura me ajudou, meus votos foram conseguidos de maneira pulverizada pelo DF inteiro. Claro que eu tenho pautas que são do meu coração, mas me cobram como se eu estivesse gerindo a cidade inteira, e eu acho isso muito saudável. A minha vontade não é apresentar tantos projetos de lei, e sim acompanhar a execução das políticas públicas que são propostas.

CARLOS VIEIRA CB/DA PRESS



Comente sobre o seu projeto Amplifica. O que ele propõe?
Foi um sonho que eu tive, que eu queria que tivessem tido essa ideia quando eu comecei na cultura. Falam que falta talento em Brasília, mas é mentira. Se a gente sacudir qualquer árvore, cai 15 artistas incríveis. O que falta é estrutura. O objetivo

desse projeto é criar um ecossistema no qual a gente consiga incluir casas, artistas, técnicos e produtores. O Amplifica propõe dar formação técnica para quem está começando, inserir esses artistas e produtores no mercado de trabalho sem gastar milhões em emendas para fazer isso. Quando eu falo que defendo a

cultura, as pessoas pensam que eu defendo somente o artista. Mas eu defendo toda essa cadeia produtiva, esses trabalhadores noturnos são invisíveis.

Se esse projeto continuar, muitos outros problemas surgem, como a segurança pública, transporte de madrugada etc. Sobre o transporte, o que pensa em fazer?
Tanto o pessoal que curte, que trabalha e que contrata enfrenta esse problema do transporte público. Eu tenho um plano ideal, que é continuar desenvolvendo a malha rodoviária do plano do BNDES, mas isso levaria de 15 a 20 anos e precisaríamos de uma articulação imensa para fazer acontecer. Por outro lado, tenho um plano imediato que é a revisão dos contratos das empresas de ônibus. O Ministério Público, o Tribunal de Contas já estão apontando nesse sentido, mas o GDF insiste em fechar os olhos. O sistema do transporte funciona de forma radical, que não atende absolutamente ao interesse de ninguém, a não ser ao dos donos das empresas.